



***OBRAS BURLESCAS DE TOMÉ TAVARES:
REMINISCÊNCIAS BOCCACCIANAS***

Cidália Dinis¹

RESUMO: Filho de uma época de profundas metamorfoses, Tomé Tavares (1570-1634) insere-se nas coordenadas de um espírito barroco, marcado pelo desnudamento das palavras e pela ‘guilhotina’ da sátira viperina e desmedida. Numa sociedade manchada pela hipocrisia e pelas frivolidades mundanas, a sátira burlesca surge como um sopro regenerador, dando lugar não só a um riso irreverente, muitas vezes de cumplicidade, mas também como factor de libertação mediante um mundo impregnado de valores deturpados.

PALAVRAS-CHAVE: poesia, barroco, sátira.

ABSTRACT: Son of a period of profound transformations, Tomé Tavares (1570-1634) is part of a baroque spirit, marked by the unveiling of the words and by the satire’s poisonous and unmeasured guillotine. In a society marred by hypocrisy and the worldly frivolities, burlesque satire comes as a regenerator blow, giving rise not only to an irreverent laugh, often in complicity, but also as a releasing factor by a world steeped in misrepresented values.

¹ Doutorada em Literaturas e Culturas Românicas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e bolsista de Pós-doutoramento em Literaturas e Culturas Românicas pela Universidade de Évora (FCT/POPH/QREN/UE). Investigadora do CITCEM. cidaliadinis@sapo.pt

KEYWORDS: poetry, baroque, satire.

Escrito, provavelmente, por Boccaccio entre 1348 e 1353, o *Decâmeron* é, ainda hoje, considerado como uma das maiores obras-primas da literatura mundial. Forjado sobre títulos análogos de obras medievais, como o *Hexâmeron* de Santo Ambrósio, *Decâmeron* significa, de acordo com a etimologia grega, *Dez jornadas*, em cada uma das quais são narradas dez novelas, o que perfaz um total de cem. Nestas novelas, especialmente dedicadas para prazer e entretenimento das mulheres apaixonadas que, segundo o autor, vivem “restringidas pelas vontades, prazeres e mandos de pais, de mães, de irmãos, e de maridos (...), encontraremos histórias de amor agradáveis e escabrosas e outros afortunados acontecimentos, passados tanto nos tempos actuais como nos antigos” (BOCCACCIO, s/d, p. 14-15). Movendo-se por entre pequenas telas onde ora são pintados temas de cortesia e de cavalaria, de amor trágico ou sentimental; ora de virtude humana e de sacrifício – nada é deixado ao acaso.

Partindo desta moldura que é a *grande comédia humana*, Boccaccio retrata de uma forma directa e precisa a vida terrena, sempre com um riso fresco e de irresistível vitalidade. O riso surge, assim, aos olhos do leitor como o

moto elementare come il respiro, ma già sollevato ad una libera manifestazione umana, una prima aurora del sentimento: un piacere consapevole dell’istinto che riconosce il mondo umano...è un tono morale, che eleva a rappresentazione artistica il linguaggio vitale del riso» (FLORA, 1967, p. 334).

É esta liberdade que lhe confere a possibilidade de pôr a nu a hipocrisia da Igreja, símbolo das múltiplas fraquezas do homem comum, agora “pintadas com cores escarnecedoras” (Momigliano, 1948, p. 75). Poder-se-á falar de *anticlericalismo* no *Decâmeron* e em Boccaccio?

O facto de inúmeras histórias aludirem a padres, freiras e frades, em cenas pouco edificantes, não nos permite fundamentar a questão de *anticlericalismo*, quer no que concerne ao *Decâmeron*, quer no que se refere ao próprio autor, cristão confesso. O que podemos inferir, quando o narrador se detém a retratar certos religiosos, cuja disciplina, moralidade e costumes deixavam muito a desejar, é a forma objectiva com que representa a sociedade de então, sem quaisquer preconceitos moralista ou ético.

Filho de uma época de profundos impulsos incontidos, de padres que eram tudo menos modelos de santidade, de monges que relegavam o tormento das abstinências,

Boccaccio pintou este mundo na sua verdadeira essência, colocando lado a lado vícios e virtudes numa tentativa de atingir a perfeita harmonia artística.

Vejamos, a título de exemplo, Frei Cipolla

(...) pequeno de figura, de cabelo ruivo, de rosto prazenteiro e o maior folião do mundo. Além disso, embora completamente desprovido de ciência, era um falador tão excelente e lesto que alguém que o não conhecesse não só o tomaria por um grande retórico, mas até diria que ele era o próprio Túlio ou talvez Quintiliano (BOCCACCIO, s/d, p. 34-41).

Frei Cipolla, de passagem por Certaldo na recolha de esmolas, promete aos ingénuos campónios do burgo mostrar-lhes uma pena das asas do anjo Gabriel. Mas dois patuscos trocam-lhe, na caixa, a famosa pena por bocados de carvão. Quando, na presença do auditório, Frei Cipolla, se dá conta da brincadeira, não perde a calma e diz:

(...) trago a pena do anjo Gabriel numa caixinha, noutra caixinha guardo os carvões em que foi assado S. Lourenço. As caixas são tão parecidas que muitas vezes confundo uma com a outra e foi o que agora me aconteceu... (BOCCACCIO, s/d, p.49).

Perante este acontecimento, a multidão entrega-lhe donativos maiores do que era costume. Deste mundo dos simples e dos ingénuos irrompe, no *Decâmeron*, uma hilariante comicidade. Lembremos a fingida ressurreição de Ferondo (BOCCACCIO, s/d, p. 218-226), enganado pelos frades. Depois de tomar um certo pó, Ferondo é enterrado como morto. O abade, que se diverte com a mulher dele, tira-o da sepultura, mete-o numa prisão e fá-lo acreditar que se encontra no purgatório. Depois de ressuscitado, cria como seu um filho que o abade gerou na sua mulher.

E que dizer da astúcia de Masetto de Lamporecchio (BOCCACCIO, s/d, p. 171-176)? Finge-se mudo, torna-se hortelão e amante das jovens freiras, inclusive da Abadessa, ou do judeu Abraão (BOCCACCIO, s/d, p. 43-47), que estimulado por Giannotto de Civignì, vai à Corte de Roma e vendo a perversidade do clero, volta a Paris e faz-se cristão?

Decorridos mais de 200 anos após a escrita de *Decâmeron*, a questão do (anti)clericalismo boccacciano parece ressurgir na poesia de Tomé Tavares (1570-1634), objecto de estudo da nossa tese de mestrado, agora editada.

Em 1653, Cristóvão Alão de Moraes “ajuntou na dita cidade”², o Porto, algumas das composições poéticas do Abade Tomé Tavares, num manuscrito hoje pertencente ao espólio da Biblioteca Pública Municipal do Porto. A antologia, nunca antes publicada e, como tal desconhecida, revela-nos um “gentil poeta burlesco” (MORAIS, 1997), dotado de um espírito arguto e engenhoso.

Embora não possamos precisar a data exacta do nascimento de Tomé Tavares, é bastante provável que ele tenha acontecido em 1570. A conclusão é sugerida pelo seu processo de aluno universitário: sabendo que à época, era prática corrente os alunos ingressarem com 16 anos, é de supor que também o nosso autor tivesse essa idade em 1586, data do seu único registo de matrícula – em *Instituta*, com certidão de exame de latim a 14 de Novembro³. Sabe-se também que nasceu na cidade do Porto e que era filho de Nuno Tavares, “cidadão muito honrado do Porto” (MORAIS, 1997), e de Joana Carneiro, descendente dos Carneiros do Porto, importante família do século XVI.

Outro aspecto da vida de Tomé Tavares sobre o qual dispomos de alguns elementos é a sua ordenação. De facto, embora não possamos precisar a data exacta em que ocorreu, apurámos que já em 1600 paroquiava a freguesia de Santa Marinha de Rio Tinto, no termo de Barcelos⁴. Sabemos ainda que morreu a 29 de Janeiro de 1634, na sua abadia⁵.

Salientados os principais aspectos referentes à biografia de Tomé Tavares, não poderíamos ficar alheios ao retrato que o nosso poeta faz do último quartel de quinhentos e primeiros anos de seiscentos – época em que o ‘sonho da Índia’ e com ele um século de trabalho metódico e persistente e a fama do nome luso, levada nas asas brancas das

² Trata-se do códice n.º 736 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, em cuja folha de rosto se lê: ‘OBRAS/ BURLESCAS DO/Famoso/Thome Tavares Abbade de Rio-tinto/junto a Barcellos, e natural da/Cidade do Porto, /Que ajuntou na dita Cidade/Christóvão Alão de Moraes/NO/ANNO/DE/MDCLIII’.

³ Cf. Registo de Matrículas de 1586, f. 32v, do Arquivo da Universidade de Coimbra.

⁴ Encontra-se no Arquivo Distrital de Braga o primeiro registo paroquial de que temos conhecimento assinado pelo Abade Tomé Tavares. Trata-se de um baptizado de 13 de Março de 1600 (Registo Paroquial de Esposende, livro 354º, f. 13r).

⁵ No mesmo arquivo, mais precisamente no ‘Registo Paroquial de Esposende’, livro 350º, f. 53v, pode ler-se: ‘Aos trinta e hum digo aos vinte e nove dias do mes de Janeiro de mil e seis centos e trinta e quatro annos faleceo o R^{do} abb^e desta Igreja Thome Tavares Carn^{to} foi confessado não lhe derão o Sôr por não estar p^a o receber mandou se lhe fisessem três off^{bs} cada hum de des padres e desem as offertas costumadas era ut supra

†

Gaspar Lopes’.

caravelas, se haviam já dissipado, dando lugar ao domínio castelhano. A tradição satírica do trovador renasce, agora, em novas formas poéticas que ora utilizam a paródia para, através da ironia, colocar lado a lado o grotesco e o sublime, ora evidenciam um acentuado gosto pelo excesso.

Partindo da mesma observação directa e imediata de que Boccaccio se serviu para pintar um mundo ousado, pleno de instintos; critica-se igualmente a moral hipócrita da sociedade, o clero, a nobreza, a devassidão e as frivolidades mundanas da aristocracia, como também o modo pelo qual o amor é abordado na poesia. Esse olhar penetrante sobre a realidade leva a que a sátira barroca ganhe contornos autocorrosivos. A ironia expressa, no fundo, o luto por um mundo agora em desagregação.

Envergando uma máscara, o poeta barroco “despoja a sus víctimas de sus símbolos de categoria social y de sus vestiduras para poner al descubierto la corrompida desnudez que hay debajo” (HODGART, 1969, p. 128). Nem as figuras do clero são poupadas à crítica virulenta do poeta barroco.

Revelando um pouco do que será a obra de Tomé Tavares e de qual será o elo de ligação com a obra boccacciana, veja-se a este propósito a crítica arguta e mordaz que tece «A ãas Beatas que foram a Vilar de Frades e dando-lhe de merendar, furtaram os pratos e faziam despois Romarias aos Capuchos do Bom Jesus e a Nossa Senhora da Franqueira»:

Muito bom é visitar
o Bom JESUS e a Franqueira,
mas melhor fora tornar
os pratos de Talaveira
ao sancristão de Vilar (Dinis, 2008, p. 215)

Na sua formulação concisa, este poema encerra toda uma poética inerente à arte barroca: a agudeza, o engenho, que deixa entrever uma verdade escondida, velada.

O que era o Porto nos finais do século XVI? Quais seriam os hábitos, os costumes, crenças desse século? São algumas das questões para que encontraremos esboços de resposta nos ‘pequenos quadros’ traçados pelo Abade Tavares ao longo da sua obra. O mesmo poderíamos perguntar relativamente à época em que Boccaccio viveu – como seria o mundo do século XIV? Boccaccio representou-o numa panorâmica pitoresca, de extravagâncias. Seria realmente assim a vida de Trezentos?

A verdade é que tanto da leitura atenta das obras de Boccaccio como de Tomé Tavares, o leitor deixa-se levar por um olhar atento a um mundo movediço de contrastes, sempre em mutação; olhar esse que é verdadeiro testemunho da época que vivenciaram.

Também agora um dos principais alvos do nosso poeta é a classe eclesiástica, satirizada pelo grau de indisciplina e de relaxamento a que chegara. Proliferavam os ‘casos’ entre frades e freiras:

A ùa freira de Santa Clara que se lhe mudou a voz com a idade e falava com ù
frade do Desembargador Antão Mendes

Cantastes bem algũa hora,
porém já graça não tendes,
que sois nora de Antão Mendes[;]
Antão cantais como Nora. (DINIS, 2008, p. 213)

A febre do luxo que teimava em permanecer no século XVI contaminou também a austera e recatada alta sociedade de outrora. Esquecidos da humildade que devia reger as suas vidas, os seus membros faziam gala em trajar ricamente:

Outro
À mulher do Juiz de Barcelos, que sendo mui pequena trazia
touca muito alta

Em tão pequena barquinha
metestes tão grande vela
que temo se vire asinha,
que do Juiz a varinha
não basta para sustê-la. (peça n.º 63) (DINIS, 2008, p. 280)

A veia satírica de Tomé Tavares não podia ficar indiferente a toda essa devassidão:

Que fez ao Chantre do Porto, que falava com ùa freira de Vairão, a qual lhe pôs
os cornos, e ele indo lá lhe tomou ùa pouca de prata e ùas peças que lhe pediu ao
engano

O chantre foi a Vairão [;]
Foi cornudo e veio ladrão. (DINIS, 2008, p. 216)

O exibicionismo encontra campo aberto nas manifestações religiosas que dominam a vida da colectividade, não sendo poupado pelo nosso autor:

A ù homem que ia na procissão de S. Sebastião com o Autor e dizia muita
parvoíce

Mártir São Sebastião,
pois fostes de Cristo page,
livrai-me desta selvage
que vai nesta procissão. (DINIS, 2008, p. 232)

O quotidiano, a vida comum, palpitante de agitação, que outrora eram retratados por Boccaccio, são o principal pano de fundo das *Obras Burlescas do Famoso Tomé Tavares*, colectânea que se caracteriza por uma simplicidade e uma facilidade que são apenas aparentes.

Movendo-se por entre jogos de sons ou de palavras, o poeta vai levantando o véu que cobre um mundo de aparências:

Indo ao Mosteiro de Moreira onde lhe deram muito mal de jantar

Quem de fastio não come
vá a Moreira, que eu lhe fio
que se lá for com fastio,
que venha de lá com fome. (DINIS, 2008, p. 214)

Esta orientação satírica – cujo alvo tanto pode ser individual como colectivo – assume por vezes contornos de erotismo que podem resvalar para uma obscenidade mais arcaica do que moderna, fazendo lembrar com frequência textos do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. A marca maneirista e barroca estará assim mais na escrita engenhosa que nos motivos temáticos ou na orientação ideológica da obra.

Deste jogo pode resultar, tal como se verificou com a obra boccacciana, encarada ao seu tempo como contendo um carácter de licenciosidade e de escândalo; um duplo risco para o nosso poeta: o de ser encarado, ao seu tempo, como ‘impopular’, transgressor de regras e o ser esquecido pelas gerações vindouras, para quem os acontecimentos quotidianos daquela época perderam interesse ou ganharam o estatuto de mera curiosidade de eruditos.

Tomé Tavares ficou assim votado a um imerecido esquecimento, de que tentámos ‘resgatá-lo’, “dando-o como testemunho de uma sociedade em que a sátira escabrosa foi o inevitável contrapeso de uma espiritualidade forjada por dogmas que desviaram o homem do trilho diurno da sua natureza superada” (CORREIA, 2000, p. 28).

À visão melancólica do maneirismo o nosso autor prefere de facto a visão realista e viva do mundo que o rodeia, veiculada num estilo livre, “se a Musa se não sentir peada com os consoantes”.

Aquilo que o tempo havia apagado tentaremos agora reavivar mediante “ũ passeio pelo campo da memória” que resgate os “retalhos da mesma cor que o tempo ia já cobrindo de ortigas”:

Carta

Do Impressor a certo Presbítero

Quem conhece o sujeito desta obra não acaba de encarecer a pouca deligência do Autor dela a respeito da grande empresa em que se meteu; e como a queixa disto seja tão geral, não foi possível deixar de ir à sua notícia. Querendo ele agora em algũa parte remediar esta falha, determinou outra vez dar ã passeio pelo campo da memória, aonde achou algũs retalhos da mesma cor que o tempo ia já

cobrimo de ortigas, que ainda que tem por ofício descobrir tudo, também o torna a encobrir ajudado do esquecimento...

(peça n.º 25) (DINIS, 2008, p. 207)

Ontem como hoje, a tarefa não é contudo fácil, pois “a murmuração andando no cio” pode dificultar a aceitação de um poeta incómodo:

O Autor me afirmou que seu passado descuido o deixou tão temeroso de presente que de nenhuma maneira se atreveria a sair com a següda impressão se eu lhe não alcovitasse ã Protector com que pudesse perder o receio de a murmuração andando no cio lhe não poder atirar quatro couces; não achei lugar onde pudesse ficar mais seguro deles que debaixo da sobrepeliz de V. M., a quem por ora não posso descobrir o nome, por me sentir mui empenhado com o apelido de Meneses que devo em outra parte.

Frutuoso Lourenço

(peça n.º 25) (DINIS, 2008, p. 207)

Este “passeio pelo campo da memória”, embora assuma por vezes um pendor moralista, é dominado por um riso irreverente e quase condescendente para com os pecadores e os seus pecados. A sátira burlesca é o remédio proposto para um quotidiano manchado pela hipocrisia, pela devassidão e pelas frivolidades mundanas:

A ãa Freira que perguntou ao seu amante por que só quando a via punha óculos

No estado em que estou posto,
Senhora, estou de maneira
que por não ver outro rosto
mais que ã só que é de meu gosto,
trago a vista na algibeira. (Dinis, 2008, p. 211)

Veja-se o texto que dedica «À sepultura de ãa Dama célebre do seu tempo», em que explora o sentido duplo de “vaso”:

Aqui jaz Dona Genebra,
de que o Mundo fez grão caso;
quebrou porque era bom vaso,

que vaso mau nãca quebra

(peça n.º 41) (DINIS, 2008, p. 248)

A obra de Tomé Tavares é uma permanente análise das condições psicológicas, sociológicas, políticas de uma sociedade de finais de quinhentos e princípio de seiscentos. Apesar do tom humorístico destas sátiras, há nelas, bem ao estilo boccacciano, um inquietante juízo reflexivo que questiona os alicerces da sociedade. O riso de Tomé Tavares sendo embora intermitente e talvez inconsequente – não é pois de tão curto alcance quanto aquilo que possa parecer à primeira vista.

Inserindo-se, embora, nas coordenadas de um espírito barroco, marcado pelo desnudamento das palavras e pela ‘guilhotina’ da sátira viperina e desmedida, o que perpassa toda a sua obra é a capacidade singular, herdada de Boccaccio, de contemplar o

mundo sem pudor, numa mistura de palavras límpidas e mordazes, pautada pela musicalidade e por um refinado engenho verbal.

A obra do nosso autor permite-nos contemplar variadas telas, pintadas com mestria e rigor, de uma sociedade condenada pelas cores da hipocrisia, da mesquinhez, do vício e da desordem.

Também aqui não podemos falar de (anti)clericalismo, pois assumindo a sátira como um sopro regenerador, Tavares denuncia – com um sorriso muitas vezes de cumplicidade – a realidade que se esconde atrás das aparências. Porque a palavra “es la representación más directa de los actos y pasiones de nuestro ser íntimo...” (SHELLEY, 1946, p. 17), encontramos, nas composições poéticas do nosso Abade uma ligação umbilical entre a Palavra como impulso interior e o desejo humano de alcançar o seu ser.

Embora distanciados pelo tempo, pelo espaço e quanto ao estilo, tanto Boccaccio como Tomé Tavares se renderam ao riso irreverente e à tonalidade caricatural. Ambos recriaram um espaço de «consciência reflexiva» instalando-se, por momentos, “na consciência profunda ao nível da espontaneidade criadora, onde as energias naturais se desencadeiam na linguagem antes de qualquer conceptualização” (ROSA, 1986, p. 26). Criando-se e inventando-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCCACCIO, Giovanni. *Decâmeron*, tt. I, II. Mem Martins: Publicações Europa-América, s/d.

CORREIA, Natália. *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica: dos cancioneiros medievais à actualidade*. Lisboa: Ulisseia, 2000.

DINIS, Cidália. *Obras Burlescas de Tomé Tavares – Estudo e Edição Crítica*. Germany: Martin Meidenbauer, 2008.

FLORA, Francesco. *Storia della Litteratura Italiana*. vol. I. Verona: Arnoldo Mondadori, 1967.

HODGART, Matthew. *La sátira*. Madrid: s. e., 1969.

MOMIGLIANO, Attilio. *História da Literatura Italiana: das origens até aos nossos dias*. São Paulo: Instituto progresso editorial, 1948.

MORAIS, Cristóvão Alão de. *Pedatura Lusitana*, vol. III. Braga, 1997.

ROSA, António Ramos. *Poesia, Liberdade Livre*. Lisboa, 1986.

SHELLEY, Percy. *Defensa de la poesia*. Buenos Aires, 1946.